Dia 18 — São Marcos e Marceliano, Irmãos, Mártires

Martirológio Romano

Os santos mártires Marcos e Marceliano, irmãos, em Roma, na via Ardeatina; aos quais, na perseguição de Diocleciano, prendeu o juiz Fabiano e mandou amarrar a um tronco e atravessar-lhes os pés com cravos agudos; mas, como não cessassem de louvar a Jesus Cristo, traspassaram-lhes os lados com uma lança e, triunfantes com a glória deste martírio, voaram ao reino celestial. (Veja-se sua vida entre as deste dia.)

Os santos mártires Ciríaco e Paula, virgem, em Málaga, na Espanha; os quais, sendo apedrejados, entregaram suas almas ao Criador. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Leôncio, soldado, em Trípoli da Fenícia; o qual, por mandado do prefeito Adriano, padeceu cruéis tormentos e conseguiu a palma de mártir juntamente com Hipácio, tribuno, e Teódulo, convertidos a Jesus Cristo por ele mesmo.

São Eterio, mártir, no mesmo dia; o qual, durante a perseguição de Diocleciano, depois de haver sofrido fogo e outros tormentos, foi degolado.

O martírio de Santa Marina, virgem, em Alexandria.

Santo Amando, bispo e confessor, em Bordéus.

São Calógero, ermitão, em Sacca, na Sicília; cuja santidade resplandeceu especialmente em livrar os energúmenos.

Santa Isabel, virgem, em Schönau; esclarecida pela observância da vida monástica.

São Marcos e Marceliano, Irmãos, Mártires

São Marcos e Marceliano, irmãos gêmeos, foram filhos de Tranquilino, cavaleiro romano, e de Márcia, senhora também romana, ambos muito distintos em Roma, tanto por seu nobre nascimento como por suas muitas riquezas. Tiveram a desgraça de ser gentios, e a mesma tinha toda a família; mas o Senhor tirou grande fruto de tão mau terreno. Por ventura dos dois irmãos, deparou-lhes o mesmo Senhor um aio cristão que os criou na verdadeira religião e, sem que seus pais o entendessem, chegaram a ser dos mais ardentes e mais zelosos discípulos de Jesus Cristo.

Embora ambos tivessem grandes desejos de conservar-se no celibato, um e outro se viram obrigados a casar-se com duas donzelas pagãs. Consolavam-se com a esperança de ganhá-las algum dia para Jesus Cristo; e antes que com as palavras começaram a pregar-lhes com sua virtude, com seu agrado e com seus bons exemplos. Não se ignorava já em sua família a religião que professavam; e também se tinha muito conhecida sua resolução e sua constância. Por sua prudência e por seu bom modo souberam pôr-se a coberto por algum tempo contra os cruéis editos de Diocleciano. Assistiam secretamente aos fiéis, animavam os santos confessores, socorriam todas as necessidades, e não tinha limites sua caridade.

Passavam os dias em piedosos exercícios e, crescendo seu zelo conforme ia crescendo a perseguição, foram presos por cristãos e encerrados num calabouço subterrâneo, lôbrego e fedorento. Vendo-se presos, foi sua alegria tão grande como indizível a consternação de toda a sua família. Havia muito tempo que era o martírio único objeto de toda a sua ambição, esperando que lhes concederia o Senhor a graça de derramar seu sangue e dar a vida por sua glória. Pelo valor e pela constância com que confessaram a Jesus Cristo no tribunal do prefeito de Roma foram condenados a açoites. Sofreram este cruel e ignominioso suplício com tanto valor que até os próprios gentios estavam assombrados. Acudiu toda a sua família a persuadi-los de que obedecessem aos editos dos imperadores ou ao menos que dissimulassem sua religião, afetando render algum culto aos ídolos; mas foram inúteis suas exortações. Inimiga sua fervorosa fé de toda simulação, manteve-se sempre inalterável. Persistiram constantes em publicar aos gritos que a religião pagã era extravagante, infame, abominável, e que não havia nem podia haver outra verdadeira que a que professavam os cristãos. Desesperado o juiz de reduzi-los, pronunciou sentença de que fossem degolados.

Publicada esta sentença, foi imponderável a aflição de toda a família. Arrojaram-se todos os parentes aos pés do prefeito da cidade, ou de seu tenente Cromácio, suplicando-lhe que suspendesse a execução por alguns dias, não desconfiando de que os venceriam e obrigariam a renunciar a fé de Cristo por conservar a vida. Movido de seus rogos e de suas lágrimas, concedeu-lhes trinta dias de prazo, em cujo tempo se prometiam jogar tão bem todas as máquinas que enfim cansariam sua constância.

Por uma ordem expressa, assinada de mão do imperador e firmada do prefeito, foram entregues os dois irmãos Marcos e Marceliano ao alcaide-mor da prefeitura, o qual os passou a sua casa em lugar de cárcere. Aqui sofreram os dois heróis da religião os combates mais poderosos que podiam fazer a um coração humano o amor, o agradecimento e a ternura. Seu pai Tranquilino, sua mãe Márcia, suas mulheres e seus filhos, ainda tenros e de peito, já juntos, já separados, acudiram todos a combatê-los e não pouparam diligência alguma para derrubá-los. O mesmo fizeram por sua parte os amigos de ambos os santos, unindo todas as suas forças para abater aquela heroica

constância. Não viu o mundo ataque mais violento nem mais difícil de sustentar.

Apresentava-se Tranquilino, ancião venerável; e, sentado diante de seus filhos, mostrava-lhes aquela cabeça toda coberta de cãs, aquele semblante todo sulcado de rugas, sem falar-lhes mais palavra nem acertar a explicar a grandeza de sua dor com outra voz que com a de uma torrente de lágrimas sossegadas. Sua mãe Márcia, desgrenhada e toda anegada num descomposto pranto, arrojava-se a seus pés e suplicava-lhes que ao menos tivessem a piedade de tirar-lhe a vida antes que padecer o tormento de sobreviver a seu suplício. Ressoavam em toda a casa os gritos, os prantos, os gemidos de suas duas aflitíssimas mulheres que, tendo os pequeninos filhos nos braços e mostrando-os a seus maridos, os conjuravam que tivessem compaixão daquelas inocentes vítimas. Punham-se de joelhos diante deles e diziam-lhes quanto afetuoso, quanto terno, quanto eficaz podem inspirar o amor mais aceso e a mais penetrante dor. Os amigos misturavam suas lágrimas com as dos parentes e dos criados, formando todos um ataque tanto mais forte quanto mais repetido, porque cada dia voltavam à carga. Arrastava luto toda a família; e aquele conjunto de prantos, de gritos, de queixas, de gemidos e de objetos capazes de abrandar e desfazer o coração mais insensível era o espetáculo mais funesto e mais tentador que jamais se havia oferecido à vista; combate verdadeiramente sensível, ora se considerassem todas as forças unidas, ora viessem ao ataque separadas.

No tocante às razões de uns e de outros, facilmente as resistiram com vigor Marcos e Marceliano; mais dificuldade lhes custou pelejar contra as lágrimas e estorvar que não penetrassem até o coração. Era na verdade muito longo o prazo de trinta dias para sofrer cada um deles tantos assaltos e para fazer resistência a tantas máquinas. Com efeito, como se empregaram contra os dois santos irmãos as mais poderosas armas que sabe afiar a ternura, os meios mais eficazes que pode aplicar o amor, os mais ternos afetos que pode acender o excessivo amor de um pai e de uma mãe e os mais lisonjeiros artifícios que sabe manejar a eloquência natural de uma esposa extremamente aflita, começava a desmaiar um pouco sua constância; não se mostravam já tão insensíveis e, sem poder contê-las, concediam algumas lágrimas à violência dos ataques. A tristeza do semblante e seu mesmo melancólico silêncio davam a entender bastantemente que começavam a titubear quando São Sebastião, capitão da primeira companhia de guardas do imperador, que todos os dias concorria a visitá-los, declarou-se em seu socorro muito a tempo e alentou aqueles ânimos vacilantes.

«Pois quê, irmãos meus (disse-lhes com tanto espírito como divina eloquência), já que estais quase tocando o fim da gloriosa carreira, será possível que os gritos de vossos filhos e de vossos parentes vos hajam de fazer voltar atrás com ignomínia? Parece que suas lágrimas apagaram vosso amor de Deus e vossa fé. Aonde se foi aquela cristã magnanimidade que mostrastes nos maiores tormentos? E permitireis que vos arranque o louro da cabeça o artificioso pranto de vossas mulheres e o pueril de vossos filhos? Sereis apóstatas por alongar alguns poucos dias mais a vida de um pai e de uma mãe que já não podem durar muito? Ignorais que do berço à sepultura há pouco trecho e da ancianidade a ela quase nenhum?» E, voltando-se depois aos presentes, falou-lhes com tanta energia, com tanto ardor sobre a excelência de nossa religião, sobre a ventura de dar a vida em defesa da fé de Jesus Cristo; fez-lhes um retrato tão vivo dos bens e dos males da vida eterna que não somente fortificou os dois irmãos em sua confissão, tornando-os invencíveis, mas converteu o alcaide Nicóstrato e sua mulher Zoé, com Tranquilino, pai dos dois ilustres

confessores, e com Márcia, sua mãe.

Não se pode explicar o gozo dos dois santos quando viram convertidos em discípulos de Jesus Cristo os mesmos que haviam feito tantos esforços para que eles deixassem de sê-lo. Fez-lhes São Marcos um arrazoado dirigido particularmente a seu pai, a sua mãe, a sua mulher e a sua cunhada, no qual os exortou a manter constante e generosamente a fé que desejavam abraçar, sem temer quanto o demônio podia tentar para arrancar-lha, desprezando, por conseguir uma felicidade sem fim e sem limites, uma triste caduca vida, exposta a mil contingências e perene manancial de aflições e de desditas. Desfaziam-se em lágrimas todos os concorrentes, misturando a dor de sua passada cegueira com as graças que rendiam a Deus por havê-los tirado misericordiosamente dela; e Nicóstrato protestou que não comeria nem beberia até haver recebido o santo batismo.

Passados os trinta dias, chamou Cromácio a Tranquilino e perguntou-lhe se seus filhos se haviam rendido, enfim, a suas paternais exortações; mas ficou como atônito quando ouviu dizer que também ele se havia feito cristão. E, por não repetir o que já deixamos escrito na vida de São Sebastião, o mesmo Cromácio seguiu o exemplo de Tranquilino, sendo um dos mais ilustres chefes que capitanearam aquela tropa com tanto triunfo de nossa santa religião. Esta conversão facilitou a liberdade de nossos santos, os quais ficaram na cidade com São Sebastião, socorrendo os fiéis e alentando os confessores.

Logo que Cromácio recebeu o batismo, renunciou seu emprego de tenente-prefeito e, havendo-lhe sucedido Fabiano, homem cruel e declarado inimigo dos cristãos, renovou a perseguição contra eles. Mandou que lhe trouxessem todas as causas que havia deixado pendentes ou havia suprimido seu predecessor. Foram segunda vez presos Marcos e Marceliano, nos quais, como já estavam sentenciados à morte e como persistiam generosamente na confissão de Jesus Cristo, mandou que se executasse no ato a sentença. Mostrou sua crueldade o novo juiz no gênero de suplício a que os condenou, pouco usado singularmente com pessoas de sua qualidade. Foram atados a um tronco os dois santos mártires, traspassando-lhes os pés com dois grandes cravos. Era o tormento dos mais dolorosos; mas, no meio de sê-lo tanto, não foi capaz de debilitar sua constância nem de suspender sua alegria; mostravam-na no semblante e manifestavam-na nos devotos cânticos com que louvavam ao Senhor, sem outro ressentimento nem outro medo que o de que se lhes acabasse logo o padecer. Passaram assim um dia e uma noite sem que a veemência da dor alterasse sua tranquilidade e sua paciência. No dia seguinte, não podendo Fabiano sofrer mais sua generosa perseverança, mandou que lhes tirassem a vida traspassando-os com lanças, e expiraram pronunciando os santos nomes de Jesus e de Maria no dia 18 de junho de 286. Foram enterrados a quatro léguas da cidade, num lugar que se chamava das Areias, onde se fabricou depois um cemitério de seu nome entre a via Ápia e a Ardeatina. Algum tempo depois foram trasladadas a Roma suas relíquias, as quais estiveram ocultas até o ano de 1582, no pontificado de Gregório XIII, quando se acharam com o corpo de São Tranquilino na igreja de São Cosme e São Damião.

Santos Ciríaco e Paula, Mártires

As atas destes dois esforçados campeões do cristianismo padeceram a mesma desgraçada sorte que as de tantos outros que deram seu sangue em defesa da fé que professavam. Os tiranos, que conheciam bem que o sangue derramado por Jesus Cristo era uma fecunda semente que produzia centuplicados os frutos, levavam seu furor até o empenho de pretender apagar do mundo sua memória. Por este motivo faziam requintadas diligências para encontrar as atas dos mártires, que paravam de ordinário em poder dos leitores da Igreja, e, descobertas, reduziam-nas a cinzas. Mas todas as astúcias dos ministros do abismo não puderam jamais prevalecer contra os esmeros da divina Providência, que por modos maravilhosos conservou a memória dos esforçados soldados de Jesus Cristo. Assim sucedeu com os santos mártires Ciríaco e Paula, nobres cidadãos de Málaga, cuja história, deduzida de vários escritos e breviários antigos, é como se segue:

Os imperadores Diocleciano e Maximiano, contemplando que a segurança de seu império consistia em exterminar radicalmente o nome cristão, suscitaram uma perseguição tão cruel e violenta em todas as províncias sujeitas ao império que no espaço de um mês deram sua vida gloriosamente pela fé dezessete mil cristãos de todas as qualidades, idades e sexos; do que se pode inferir quão copioso e incalculável seria o número de mártires no tempo de dez anos que durou a sangrenta perseguição. Entre todas as províncias do mundo assinalou-se a Espanha, tanto pela multidão dos que derramaram seu sangue como pela atrocidade dos tormentos com que foi provada sua constância. Todos os cárceres e calabouços viam-se cheios de esforçadas testemunhas da fé; nos tribunais dos juízes ouvia-se publicar com fortaleza o nome de Jesus Cristo; os ídolos profanos eram desprezados e cuspidos na presença dos mesmos juízes e dos verdugos, no ato mesmo de ter nas mãos a sangrenta espada e os cruéis garfos, e toda a terra estava empapada de arroios de sangue, que se oferecia valorosamente em testemunho da verdade. Então foi quando Justa e Rufina venceram a Diogeniano em Sevilha; Encrátides e seus nobres companheiros a Daciano em Saragoça, cuja cidade teve a glória de que seus Mártires chegassem a ser inumeráveis. Então se ilustrou Toledo com o glorioso martírio da virgem Leocádia, que depois de vários tormentos exalou sua alma puríssima nos horrores de um calabouço. A nobre Cômpluto foi teatro do mais terno e admirável espetáculo que viram os olhos dos homens; pois nos delicados peitos de Justo e Pastor coube a fortaleza de desafiar o tirano, indo apresentar-se desde a escola a Daciano para censurar-lhe a crueldade com que perseguia a Religião sacrossanta; e, desprezando suas carícias, suas promessas e suas ameaças, ilustrar com seu sangue o campo laudável. Então triunfaram em Córdoba do ímpio Dion Santo Aciscelo e Santa Vitória, irmãos segundo a carne, e a quem a caridade uniu muito mais no martírio; e então, finalmente, entre outros inumeráveis que teve a Espanha, padeceram em Málaga São Ciríaco e Santa Paula, virgem.

Chegou a esta cidade o cruel perseguidor do nome santo; e, tendo feito as diligências para descobrir os que seguiam as bandeiras do Crucificado, achou que se distinguiam entre eles Ciríaco e Paula. Persuadido o iníquo juiz de que, fazendo nestes um horrível castigo, escarmentariam os demais e se apartariam de uma crença que ele tinha por supersticiosa, mandou prendê-los e apresentá-los em seu tribunal. Compareceram os Santos e sofreram o interrogatório que era de costume. É crível que o interesse que tinha o tirano em seduzir duas pessoas cujo exemplo seria muito poderoso para com a multidão o movesse a fazer-lhes grandes promessas de riquezas e de honras. Mas, constantes os Santos na fé que haviam professado no Batismo, mostraram-se invencíveis às promessas e ameaças. Vendo o juiz que suas astúcias não logravam o efeito premeditado, mandou atormentá-los com cruéis tormentos, como diz Usuardo em seu Martirológio

no dia 18 de junho. Todo o furor dos verdugos e a dolorosa execução dos tormentos foi muito inferior à graça e fortaleza de que os Santos tinham providas suas almas; e assim, vendo o juiz que nada aproveitava, mandou apedrejá-los, em cujo tormento conseguiram a palma do martírio, que Santa Paula uniu à da virgindade.

Sucedeu este triunfo perto do ano de nossa salvação 300 e no dia em que os celebra a Igreja da Espanha. Ignora-se o lugar de seu martírio e o sítio onde foram sepultados; mas o P. Roa diz que derramaram seu sangue junto ao rio Guadalmedina, onde a multidão de pedras que se encontram dava facilidade para a execução da sentença. Também afirma o dito escritor que no mesmo sítio é presumível que tenha estado antigamente o sepulcro destes Santos. Funda sua conjetura numa antiga tradição que há naquela cidade de haverem-se visto naquele sítio em diversos tempos umas luzes milagrosas, com que parece que o céu queria ilustrar aquele lugar ditoso em que os santos Mártires haviam conseguido tão ilustre vitória. Possuída Málaga dos maometanos, extinguiu-se inteiramente a notícia de seu glorioso sepulcro; mas sempre conservaram os fiéis a memória destes santos Mártires, a qual ressuscitou pelos anos de 1487, no tempo dos católicos reis Fernando e Isabel. Estes gloriosos Monarcas, desejando livrar a Espanha do jugo dos bárbaros, projetaram a conquista de Granada, onde tinham reconcentradas todas as suas forças. Estando em Córdoba fazendo os preparativos para esta grande expedição, foi ver-se com um Padre do convento de Jerônimos daquela cidade, que tratava muito com os Reis, o santo varão Frei João de Carmona. Admoestou-o a que dissesse à católica rainha Dona Isabel que fizesse voto de construir uma igreja em honra dos santos mártires de Málaga São Ciríaco e Paula e que estivesse segura de que por sua intercessão lhes concederia Deus uma vitória completa e a conquista da cidade. O Religioso deu imediatamente conta à Rainha deste importante aviso, informando-a das sublimes virtudes e santidade do religioso que lho havia dado e assegurando-a de que não podia proceder senão de superior iluminação do céu. A piedosa Rainha assentiu à proposta; e, ainda que por então não pensavam na conquista de Málaga, fez o voto aos santos Mártires e enviaram lá o exército, o qual se apoderou da cidade e, em consequência, de todo o reino de Granada. Deram graças a Deus por tão maravilhosa vitória; e, desejosos de que o Pastor universal de toda a Igreja fosse participante de suas alegrias, deram-lhe parte de tudo, e principalmente do voto que haviam feito a São Ciríaco e Paula, a cuja proteção se devia não somente a conquista de Málaga, mas a de todo o reino de Granada. O Pontífice romano, que era então Inocêncio VIII, depois de haver oferecido a Deus as mais fervorosas graças por ver restituída a fé e a Religião a seu antigo domicílio, escreveu aos Reis uma carta expressiva, na qual lhes certificava que a cidade de Málaga havia sido consagrada com o sangue de São Ciríaco e Santa Paula, da mesma maneira que o havia sido Jerusalém com o do protomártir Santo Estêvão. Edificou-se o templo em honra destes Santos, e os malaguenhos os tomaram por seus padroeiros, celebrando sua festa com pompa muito solene todos os anos, indo o clero, a nobreza e o povo em procissão ao templo dos Santos, onde manifesta o céu quão grata lhe é esta devoção com contínuos prodígios que lhes dispensa.

Os Santos Germano, Paulino, Justo e Scício, Mártires

Os gloriosos mártires São Germano, Paulino, Justo e Scício eram naturais de um lugar do Ampurdán, no principado da Catalunha, chamado la Pera. São Germano e São Paulino tiveram por pais a Liro e Floris; São Justo e Scício foram filhos de Siro e de Gélida. Sucedeu que, estando Floris grávida, viu em sonhos que de seu ventre saía um grande fogo que alumiava toda a terra e, despertando, referiu a seu marido o sonho e a visão que havia tido, do que ficou muito maravilhado. A seu tempo deu à luz a boa mulher os bem-aventurados Germano e Paulino e contou a visão a outra mulher chamada Fecunda, que era cristã. Esta, inspirada do céu, interpretou o sonho e lhe disse: «Filha minha, este sonho que tivestes vos foi inspirado por meu Senhor Jesus Cristo; porque vos faço saber que estes dois filhos que tendes serão duas lumeiras da Igreja de Deus. E, pois o Senhor vos faz tanta mercê em descobrir-vos este segredo, não lhe sejais ingrata, mas recebei logo o Batismo para que possais acompanhá-los no céu.» Puderam tanto com Floris estas palavras que se converteu à fé de Jesus Cristo e, passados alguns dias, morreu. Morta a mãe, Liro enviou seus filhos Germano e Paulino à casa de Gélida, tia deles. Algum tempo depois deste sucesso, estando Gélida dormindo, ouviu uma voz celestial que a chamava por seu nome e logo viu sua irmã Floris sobremaneira formosa e linda, que lhe disse: «Queres, irmã, ter a beleza que vês em mim? Acode ao sacerdote Estêvão, que está não muito longe daqui, e ele te dirá o que hás de fazer para conseguir formosura perfeita.» O lugar onde estava então o servo de Deus Estêvão chama-se agora Nossa Senhora dos Anjos. Despertando Gélida e admirada do que no sonho havia visto, pôs-se a caminho sem saber aonde ia, senão que o Senhor, por cuja vontade aquelas coisas se faziam, a conduziu até o lugar onde vivia o dito sacerdote; o qual, vendo vir Gélida, inspirado pelo Espírito Santo, entendeu o motivo por que ia e começou a explicar-lhe a vida de Jesus Cristo, sua morte e outros artigos da fé. Permaneceu Gélida com o santo varão por espaço de três dias, jejuando, fazendo oração e ouvindo sermões, e logo recebeu o Batismo, ficando tão inflamada no amor de Deus que pôs em esquecimento todas as coisas do mundo.

Liro, por este tempo, marido da defunta Floris e cunhado de Gélida, casou com uma prima-irmã de sua primeira mulher, chamada Florência, da qual teve outros dois filhos, um muito formoso e outro leproso, magro e muito desmedrado. Gélida disse-lhe: «Irmã minha, se soubesses o mistério que Deus obrou contigo, verias que tens mais ocasião de alegrar-te que de entristecer-te; porque, em dar-te Deus este filho tão asqueroso, entende que quis significar-te quão feia e asquerosa é a lei da gentilidade que tu professas. E se queres que alcance saúde, crê em Nosso Senhor Jesus Cristo: tu e teus filhos recebei o santo Batismo e verás as maravilhas do Senhor.» Depois destas razões, referiu-lhe tudo quanto havia ouvido e visto do sacerdote Estêvão; e, sendo inspirada Florência pela graça do Espírito Santo, rogou-lhe que enviasse imediatamente pelo dito sacerdote Estêvão.

Veio, pois, o santo sacerdote à casa de Florência e nela esteve por espaço de seis meses, ensinando-lhe a fé, e logo deu o Batismo a ela e a seus dois filhos. Quis aqui a divina Majestade mostrar uma grande maravilha, porque, logo que o filho leproso foi batizado, curou-se de sua enfermidade. Do que tomou Florência motivo de amar ao Senhor com maior fervor e pediu que a deixassem ouvir missa. Foi-lhe concedido e, estando celebrando-a o sacerdote, ao levantar a sagrada hóstia, Germano e Paulino viram pelas frestas da porta a Jesus Cristo, Salvador nosso, em suas mãos, e logo começaram a dar vozes e com grande pressa entraram ao aposento que lhes servia de igreja e, acabada a missa, receberam o Batismo. Depois que o ministro acabou a missa e batizou os ditos santos mancebos, estando falando com Florência, enquanto Gélida andava ocupada nos afazeres domésticos, chegou seu marido e, achando-a só com aquele eclesiástico,

movido de irrefletidos ciúmes e cheio de cólera, tomou a espada e quis matá-lo. Mas mostrou então Deus seu poder, pois o dito homem ficou ali raivando e sem poder mover-se. Então Gélida e Florência se prostraram diante do altar de Nossa Senhora, rogando a Deus que o quisesse remediar. Acabada a oração, vieram aonde estava Liro, mostrando-lhe seu filho curado da lepra, e disseram-lhe: «Se tu crês em Jesus Cristo e recebes o Batismo, recobrarás a saúde.» Vendo-se Liro atormentado daquela maneira, disse: «Eu creio em Jesus Cristo e quero ser batizado»; e ficou ao instante curado. Avisado disto Estêvão, acudiu ali e o batizou.

Depois Gélida foi-se a sua casa com seu marido Siro, o qual, achando-a um dia na câmara fazendo oração e entendendo que era cristã, tomou uma faca para degolá-la. Mas logo lhe apareceu o Anjo do Senhor em figura de menino, com grande claridade, e lançou Siro em terra de tal sorte que toda a noite esteve fora de si. Vinda a manhã, Gélida chamou sua prima Florência e Liro, marido desta, e eles, entendendo o caso, passaram a visitar Siro, que estava como morto; mas, despertando logo, chamou sua mulher e, na presença de todos os que ali estavam, disse o que havia visto e, muito espantado, pediu-lhe perdão e, dizendo que queria ser cristão, recebeu o Batismo.

Os santos quatro mancebos Germano, Paulino, Justo e Scício, chegando a idade competente, afeiçoaram-se à alvenaria, à entalhadura e à cantaria, em cujas artes saíram tão aventajados que eram muito conhecidos por sua superioridade; porque de cantaria e entalhadura faziam estátuas muito primorosas, assim em pedra como em madeira. Mortos já seus pais, perseveraram vivendo juntos e sem casar-se, dando-se todos a Deus; e mereceram tanto diante dele que por eles fez muitos milagres. Entre outros, aconteceu que, lavrando uma casa no lugar dito Ultramort, um peão dos que ajudavam na construção caiu e quebrou os braços e pernas de tal sorte que não havia esperança de que vivesse. Vendo os Santos o pobre homem com tanta necessidade, acudiram logo a ele e, levantando-o da terra e invocando o nome de Deus, curaram-no de tal sorte como se nunca tivera enfermidade alguma. Acabada a obra, foram a Flassà e, entrando no lugar, viram um surdo e mudo de nascimento, o qual, tendo compaixão dele, aproximaram-se-lhe e, tocando-lhe as orelhas e a língua, disseram-lhe: «Homem, ouve e fala, e dá graças a Deus.» E logo o mancebo recobrou o ouvido e a palavra, bendizendo ao Senhor.

Começou-se a divulgar a fama deste feito por toda a vila de Flassà, e nossos Santos, querendo fugir dos louvores dos homens, foram-se à vila de Monells. Chegados a ela, acharam um homem endemoninhado e, invocando o nome de Jesus Cristo sobre ele, curaram-no, deixando-o bom e são. Vendo os gloriosos Santos que ali também se divulgava sua fama, foram a Gerona e, chegando a uma das portas da cidade, acharam um homem velho e coxo que pedia esmola; aproximando-se dele, disseram-lhe: «Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e caminha»; e logo o homem se levantou e foi atrás deles.

Imperavam então Diocleciano e Maximiano, cruelíssimos inimigos de Jesus Cristo, os quais enviaram o presidente Daciano à Espanha para que perseguisse os Cristãos. Chegado este tirano a Gerona, prendeu São Félix, que havia vindo de Ampúrias, e o entregou a Rufino, seu tenente, ainda que alguns autores dizem que não o prendeu Daciano, mas o mesmo Rufino, enviado por aquele desde Valência. Perguntou Rufino se se achariam em Gerona oficiais de cantaria e entalhadura para fazer certos deuses de madeira ou pedra. E, como a habilidade dos santos Artistas era bem conhecida, Rufino os chamou, dizendo: «Tenho entendido por fama ser grande vossa habilidade, e

assim vos chamei para que me façais certos deuses do povo romano, aos quais quero que adorem todos os homens e mulheres.» Respondeu o glorioso São Germano em nome seu e de todos os outros e disse: «Todos os deuses dos gentios são demônios, porque não há senão um Deus que fez o céu e a terra. Eu me maravilho que nos digas que façamos teus deuses; porque, se nós os fizéssemos, melhores seríamos que eles, pois é claro que o fator é melhor que a feitura. Conhece, ó Rufino, a Deus, criador do céu e da terra, que por sua grande misericórdia enviou seu Filho, o qual nasceu de Maria Virgem, padeceu pelos pecados dos homens, e este é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.» Ouvindo esta resposta, Rufino mandou que os lançassem no cárcere e que estivessem nele sem comer, para que desta maneira acabassem a vida por fome, mandando às guardas que tivessem grande conta de que não se lhes desse coisa alguma. Mas o Anjo do Senhor veio ao mesmo cárcere e os consolou com palavras de muito amor e esforço, dizendo: «Cavaleiros de Jesus Cristo, não temais, porque o onipotente Deus não vos deixará»; e, tendo-lhes dado consolos, desapareceu.

Passados oito dias, foram apresentados diante de Rufino, que mandou que os desnudassem e açoitassem com bolas de chumbo e que os voltassem de novo ao cárcere, no qual lhes apareceu outra vez o Anjo do Senhor para dar-lhes consolo e esforço e lhes curou as chagas. No dia terceiro Rufino os fez trazer diante de si e lhes falou com palavras brandas, dizendo: «Para que quereis morrer pelo Crucificado? Deixai a Cristo e negai-o, adorando nossos deuses, porque eu vos farei grandes na terra e farei também que todos vos honrem.» Então os santos Mártires, todos a uma voz, responderam: «Ó membros de Satanás, adorai vós vossos deuses, que nós cremos em Jesus Cristo e nunca adoraremos outro Deus senão a ele.»

Vendo Rufino a constância dos Santos, fez trazer um tribunal diante do portal da Valltenebrosa e, sentado nele, deu a sentença seguinte: A Germano, que dizia que Deus era Pai onipotente e seu Filho unigênito, lhe quebrassem a cabeça com uma pedra e martelo; a Paulino, que dizia que Cristo havia morrido numa cruz, fosse degolado; a Justo, que afirmava que Cristo era cabeça da Igreja, lhe cortassem a sua; e a Scício, que dizia que Cristo, nosso bem, enviou o Espírito Santo sobre seus Apóstolos em línguas de fogo, fosse queimado.

Pronunciada já a sentença, os Mártires deram graças ao Senhor, que os havia feito merecedores não somente de padecer trabalhos por seu amor, mas também de dar por ele a vida. E, estando os sayões executando a cruel sentença, foi ouvida uma voz do céu acompanhada de um grande trovão, que disse: «Preciosa e ditosa é diante do Senhor a morte de seus Santos.» Ouvindo isto, Rufino espantou-se tanto que caiu em terra prostrado e, tremendo com grande temor, entrou dentro do portal, mandando fechá-lo a pedra e cal de tal sorte que desde então não se abriu, e o povo fugiu a suas casas.

Algumas mulheres devotas vieram de noite e, tomando os sagrados corpos dos Mártires, sepultaram-nos na igreja de Nossa Senhora fora dos muros da cidade, onde é agora a igreja de São Félix, pondo-os em sepulturas de pedra mármore e fazendo em cada sepulcro seu letreiro, que declarava quem era o que estava ali sepultado. Foi este martírio pelos anos do Senhor de 300.

Alguns séculos depois, Carlos Magno conquistou dos mouros a cidade de Gerona e fez de sua mesquita igreja catedral, ao qual então foi revelado que os ditos santos quatro Mártires estavam

sepultados na igreja de São Félix; e o devotíssimo Príncipe fez trazer suas santas relíquias à igreja catedral e pô-las com reverência no altar de Nossa Senhora.

Passados depois muitos anos, o venerável Arnaldo de Monrodón, cônego da Sé de Gerona, fez uma capela em honra destes benditos Mártires com sepulcros para cada um deles, e nela foram trasladados seus sagrados corpos, onde instituiu um benefício; e por isto foi a Roma, de onde trouxe esta história.

Grandes são os favores que estes bem-aventurados alcançam de Deus para seus devotos. Roguemos-lhes que nos alcancem de sua divina Majestade que acertemos em servi-lo nesta vida, para que na outra gozemos de sua glória. Celebra-se sua festa em Gerona na segunda-feira depois da Santíssima Trindade, e nomeiam-nos nas coletas da missa e ofício divino. (Domènech, *História dos Santos da Catalunha.*)

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui sanctorum martyrum tuorum Marci et Marcelliani natalitia colimus, a cunctis malis imminentibus eorum intercessionibus liberemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, pois celebramos o nascimento ao céu de vossos santos mártires Marcos e Marceliano, sejamos livres por sua intercessão de todos os males que nos ameaçam. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da de São Paulo aos Romanos.

Romanos 5,1-5

> **Latim:** [1] Justificati ergo ex fide, pacem habeamus ad Deum per Dominum nostrum Jesum Christum : [2] per quem et habemus accessum per fidem in gratiam istam, in qua stamus, et gloriamur in spe gloriæ filiorum Dei. [3] Non solum autem, sed et gloriamur in tribulationibus : scientes quod tribulatio patientiam operatur : [4] patientia autem probationem, probatio vero spem, [5] spes

> autem non confundit : quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis.

Português: [1] JUSTIFICADOS pois pela fé temhamos paz com Deos por meio de nosso Senhor Jesu Christo: [2] pelo qual temos tambem accesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da gloria dos filhos de Deos. [3] E não sómente nesta esperança, mas tambem nas tribulações nos gloriamos: sabendo que a tribulação produz paciencia: [4] e a paciencia experiencie, e a experiencia esperança, [5] e a esperança não traz confusão: porque a caridade de Deos está deramada em nossos corações pelo Espirito Santo, que nos foi dado.

Nota

«Escreveu-se esta epístola em Corinto no ano 57 de Cristo e é como um compêndio dos dogmas e da doutrina da religião. Tinham cada dia mil disputas sobre esta os muitos gentios e judeus que havia em Roma convertidos à fé; e com este motivo escreveu São Paulo esta excelente epístola. Ditou-a em grego para que fosse mais comum a todas as nações e não só a pudessem entender e ser instruídos por ela os fiéis da igreja de Roma, mas todos os da Igreja de Deus.»

Reflexões

A esperança nasce da fé, e a caridade é inseparável da verdadeira fé e da verdadeira esperança. O que verdadeiramente crê, espera; o que verdadeiramente espera e crê, ama. A luz da fé nos descobre em Deus um poder tão ilimitado, uma bondade tão infinita, uma felicidade tão cheia e tão sobreabundante, com uma infalibilidade tão essencial e tão caracterizada que não parece possível ter fé viva e não amar a Deus sem reserva; como tampouco parece amá-lo com perfeita caridade sem esperar de sua bondade com firme confiança os bens que nos tem prometidos e que Jesus Cristo nos mereceu; quais são a salvação eterna e aquelas graças e auxílios que nos são necessários para chegar a este ditoso termo. A esperança duvidosa ou pouco firme é sinal de uma fé meio apagada; o que ama pouco espera menos. É a fé o fundamento do edifício; nunca fraqueja sem que o edifício se ressinta; a fé sem obras é morta, e o justo vive da fé. Se queremos ter uma justa ideia do que cremos, não há mais que examinar o que obramos; à medida que se forem estragando nossos costumes, experimentaremos que se vai diminuindo nossa fé. Nenhuma coisa fomenta mais, nem tanto, a esperança como a inocência e a piedade. Quem deseja animar sua confiança avive seu fervor; as misericórdias do Senhor e sua bondade fazem mais impressão numa consciência pura; altera-se a fé em estragando-se o coração.

Scitote quia nullus speravit in Domino, et confusus est: a esperança não engana nem confunde: sabei, filhos meus, diz o Espírito Santo pelo Eclesiástico, que ninguém esperou jamais em Deus que fosse confundido em sua esperança. *Quis enim permansit in mandatis ejus, et derelictus est?*

Porque, quem permaneceu constante na observância de seus mandamentos que jamais se visse desamparado? A mesma proposição ou o mesmo desafio poderíamos fazer nós; mas nossa infidelidade confunde e faz vã nossa esperança. Esta é a que mais consola a um cristão; ela suaviza os trabalhos desta vida; ela sustenta nossa paciência; ela nos alenta nas adversidades, sofrendo-as com alegria quando se põe a vista no prêmio que nos espera. Há tão pouca proporção entre o salário e o trabalho, entre a glória do triunfo e a ligeireza do combate, entre o caminho e o termo que com muita razão podemos dizer com São Paulo: *Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis:* nenhuma proporção têm os trabalhos desta vida temporal e caduca com a glória que nos espera na eterna. Derrame-se o amor de Deus em nossos corações e facilmente compreenderemos este oráculo: ao que ama a Deus tudo se lhe faz fácil.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,47-51

> **Latim:** 47 Væ vobis, qui ædificatis monumenta prophetarum : patres autem vestri occiderunt illos. 48 Profecto testificamini quod consentitis operibus patrum vestrorum : quoniam ipsi quidem eos occiderunt, vos autem ædificatis eorum sepulchra. 49 Propterea et sapientia Dei dixit : Mittam ad illos prophetas, et apostolos, et ex illis occident, et persequentur : 50 ut inquiratur sanguis omnium prophetarum, qui effusus est a constitutione mundi a generatione ista, 51 a sanguine Abel, usque ad sanguinem Zachariæ, qui periit inter altare et ædem. Ita dico vobis, requiretur ab hac generatione.

Português: 47 Ai de vós, que edificais sepulcros aos profetas: quando vossos pais forão os que lhes dérião a morte. 48 Por certo que bem testemunhais, que consentis nas obras de vossos pais: porque elles na verdade os matarão, e vós edificais os seus sepulcros. 49 Por isso tambem disse a sabedoria de Deos: Mandar-lhes-hei profetas, e apostolos, e elles darão a morte a huns, e perseguirão a outros: 50 para que a esta nação se peça conta do sangue de todos os profetas, o qual foi derramado des do principio do mundo, 51 des do sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar, e o templo. Sim, eu vos declaro, que a esta nação se pedirá conta d'isto.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que a consciência, falando com propriedade, é aquela aplicação da lei que cada um faz a si mesmo. Esta aplicação da lei de Deus cada qual a faz segundo seus fins, segundo seus alcances, segundo o caráter de seu entendimento e muitos segundo os secretos movimentos, a inclinação e a atual disposição de seu coração. Daqui nasce que não há coisa mais fácil nem tampouco mais comum que formar-se no mundo uma falsa consciência, uma consciência conforme a seus desejos, regulada a seus interesses; e isto é o que estraga os costumes e o que necessariamente desordena a consciência. Considerada a ordem das coisas, que é a ordem de Deus, a consciência devia ser a regra dos desejos, e não os desejos a regra da consciência; mas esta é a ilusão e a iniquidade a que estamos sujeitos: em lugar de regular os desejos pela consciência, fazemos consciência dos mesmos desejos e, porque aquela se funda nestes, tudo o que desejamos e queremos nos parece justo e bom: *Quodcumque volumus bonum est;* e, passando adiante o erro, talvez nos parece perfeito e santo: *Et quodcumque placet sanctum est.* O entendimento é o joguete do coração, e nós o somos de nossa falsa consciência. Não se consulta nem a lei de Deus nem o Evangelho; tudo se pesa em nossa balança e tudo se julga em nosso tribunal; queremos que sejam as coisas aquilo que quiséramos que fossem; o mais falso, o mais iníquo e o mais condenável, à força de querê-lo, é para nós o mais certo, o mais justo, o mais meritório e o mais perfeito. De onde vem esta desordem do coração? De que não se consulta a razão, nem muito menos a religião e a fé, mas a paixão; só se dá ouvidos à voz dos desejos e do interesse, este só oráculo se respeita. Daqui nasce o afogarem-se os mais vivos remorsos da consciência; por vivos que sejam, sobram forças à concupiscência para sufocá-los. Em se apoderando o amor-próprio ou a paixão do tribunal da consciência, todos os pleitos, todas as dúvidas se declaram em seu favor. Esta é a origem daquelas repentinas mudanças que assombram, daqueles caprichos, daquela dureza de juízo, daquela obstinação no próprio ditame, que dão tanto que fazer; daqueles desvarios em pontos de fé que nos arrancam tantos suspiros. Apenas há heresiarca cujos erros não tenham dimanado deste princípio; nem os hereges fomentam os seus senão por meio destas falsas consciências. Delas nascem os descaminhos de tantos homenzinhos teimosos e de tantas mulherzinhas alucinadas; busque-se a origem e se achará que foi a concupiscência, a ambição, a paixão e o interesse. Bom Deus, que tribunal há mais comum hoje que o da falsa consciência?

Segundo ponto

Considera que não há coisa mais perniciosa nem mais digna de temer-se que a falsa consciência. Todo erro é perigoso, singularmente em matéria de costumes; mas não o há mais prejudicial nem de mais funestas consequências que o que inficiona o princípio ou a regra dos mesmos costumes, que é a consciência: «Se teus olhos não estão claros, diz o Salvador, todo o teu corpo andará em trevas.» Os olhos de que fala o Senhor não são outros que a consciência que nos alumia, que nos guia e que governa nossas ações. Se esta consciência, que é o farol de nossa alma, vem a apagar-se ou em parte a obscurecer-se, necessariamente havemos de dar muitos tropeços. Com uma falsa consciência não há mal que não se cometa, e se comete com toda a segurança; isto é, sem

esperança de remédio.

Considera até onde podem e costumam chegar as desordens de uma consciência cega e presunçosa desde o mesmo ponto em que se mete a ser consciência. Que delitos não escusa? Que maldades não colore? Quando a consciência vai de acordo com o amor, com a inclinação aos passatempos, com a ambição, com a concupiscência; quando se forma pela animosidade, pelo despique e pelo ódio, pervertida por uma parte e presumida de consciência por outra, tudo empreende, a tudo se arroja, tudo encobre, tudo santifica e tudo permite. Quem poderá pôr limites à paixão quando esta não tem freio? Quando a autoriza até a mesma consciência? A falsa consciência é um abismo sem fundo: *abyssus multa.* Mas quem poderá sair deste abismo? Não há voz que grite, não há trovão que espante: pelo contrário, a mesma consciência sossega, assegura, tranquiliza, adormece, amodorra e faz que tenhamos por inimigo de nossa quietude tudo o que nos desperta, tudo o que nos inquieta, tudo o que nos perturba. Oh santo Deus, e que coisa tão terrível é uma falsa consciência em paz e em calma! A isto tende ela. Não há estado mais infeliz, não há desdita mais digna de temer-se: o homem mais dissoluto, o pecador mais ímpio, esses são os mais tranquilos, os que menos sentem o peso de sua iniquidade. Os remorsos de uma consciência reta e verdadeira deixam alguma esperança ao arrependimento e à penitência; mas a falsa consciência tem o pecador tão contente de si mesmo, tem-no sepultado em tão espessas trevas que nada é capaz de abrir-lhe os olhos para conhecer que se descaminha e que se perde; esta funesta calma faz irremissível seu mal. Os judeus erigiam magníficos mausoléus aos profetas, a quem seus mesmos pais haviam tirado a vida, e criam fazer grande serviço a Deus perseguindo os homens justos. Oh Deus meu, quantas consciências há cauterizadas, segundo a frase da Escritura! Quantos sistemas de consciência, à sombra dos quais reinam as paixões, se fortificam os erros e se estraga o coração!

Não permitais, Senhor, que me suceda esta desgraça; venha sobre mim qualquer outro castigo antes que o destas desditosas trevas. Quais têm sido até aqui meus caminhos ou meus descaminhos? Quantas vezes quis autorizar meus desvarios e acalmar meus remorsos, sufocando as luzes de vossa graça! Fazei, Senhor, que estas se voltem a acender em minha alma; concedei-me este favor, pois já não quero outra regra de minha conduta que a de vossa santa lei.

Jaculatórias

> *Deduc me, Domine, in via tua, et ingrediar in veritate tua.* Sl 85.

Guiai-me, Senhor, pelo caminho de vossos santos mandamentos, e entrarei direto pelo da verdade e da justiça.

> *Domine, ut videam.* Mt 20.

Fazei, Senhor, que jamais perca de vista vossa santa lei.

Propósitos

1. Desde hoje hás de procurar compreender bem os funestos efeitos de uma consciência errônea, seja em matéria de fé, seja em matéria de costumes; é um manancial de águas envenenadas que comunica seu veneno a todos os arroios que saem dele, sendo o mal tanto maior quanto faz menos ruído. A falsa consciência dá a morte sem dor, por explicar-me desta maneira. Erra-se, descaminha-se grosseiramente com tranquilidade; peca-se contra as mais sagradas leis da religião; e falta pouco para que não se julgue meritório o ódio e a vingança que se abriga no coração e até se comunica às ações, julgando meritória a ambição, a vaidade, a profanidade, a dureza e a avareza. Quantos vivem amodorrados com uma falsa segurança no meio do erro! Quantos retêm os bens alheios ou usam mal dos próprios! Quantos passam a vida em comunicações ilícitas, em diversões perigosas, numa ociosidade nada cristã ao abrigo de uma falsa consciência! Cita desde logo a tua diante do tribunal do Evangelho; pois ela julga de tudo, bem é que de quando em quando seja também julgada; e, suposto que tens uma regra segura da fé e dos costumes, examina com sinceridade se te desviaste desta regra.

2. Desconfia de teu próprio juízo; olha que está muito exposto a ser corrompido pelo amor-próprio e pelas paixões. Consulta com um santo e sábio diretor e em sua companhia examina se tuas ideias, tuas máximas e tua conduta se conformam com as máximas do Evangelho. É muito pura tua fé? Não te deixas levar de algumas falsas preocupações, seguindo certo espírito de parcialidade? Rendes-te às decisões da Igreja com uma submissão inteira, humilde e universal? Não são alguma vez tuas paixões a regra de teus costumes? Essa insaciável avareza, essa dureza intratável, esse espírito de vingança, essa sensualidade, essa delicadeza, esse apetite de liberdade são provas de uma consciência muito reta? Julga-te desde logo sem piedade e não esperes que venha a morte pôr-te de par em par as maldades de tua consciência.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:23 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:23 by Admin